

FEIRAS LIVRES NO LITORAL DO PARANÁ: O CASO NA MATINFEIRA E CATEDRAL.

Maria Karolinne Luci de Medeiros¹, Graciele Cristine de Andrade², Valdir Frigo Denardin³.

1. Estudante de IC da UFPR (Universidade Federal do Paraná-Setor Litoral), bacharelanda em Gestão e Empreendedorismo
2. Extensionista da UFPR – Setor Litoral - Setor Litoral, bacharelanda em Gestão Ambiental
3. Professor Assistente UFPR – Setor Litoral – PPGDTS / Orientador

Resumo:

O Litoral Paranaense é um território biodiverso e multicultural, no entanto muitas pessoas se encontram em uma situação de fragilidade socioeconômica, e a agricultura familiar contribui para sanar esse problema. A pesquisa tem por objetivo mostrar novas formas de interação entre o rural e o urbano via circuitos curtos de comercialização em feiras livres no litoral do Paraná. Para tal, procedeu-se uma revisão bibliográfica para conceituar Circuitos Curtos de comercialização e suas modalidades. Na sequência, foram aplicados questionários semiestruturados em duas feiras livres no litoral do Paraná, a Matinfeira no município de Matinhos e Catedral, em Paranaguá. Notou-se que há uma relação de proximidade entre os agricultores e consumidores, a qual beneficia ambos em termos econômicos, culturais e ambientais.

Palavras-chave: Circuitos curtos; Interconexões; Feirantes.

Apoio financeiro: CNPq.

Introdução:

O litoral do Paraná está localizado entre o oceano Atlântico e a Serra do mar, possui sete municípios e uma vasta biodiversidade em área de domínio de Mata Atlântica, cerca de 80% de seu território é constituído por unidades de conservação e áreas protegidas (MODEL e DENARDIN, 2014). Segundo Andriguetto Filho e Marchioro (2002, p.159), a região “é marcada por uma série de problemas de gestão do desenvolvimento e da conservação, com graves conflitos fundiários, conflitos entre atividades econômicas, e entre práticas humanas e proteção ambiental”. O litoral possui aproximadamente 222 mil habitantes, distribuídos em seus sete municípios, nos quais cerca de 21 mil residem na zona rural (IBGE, 2017).

Há grande incidência de produção de mandioca e banana no litoral. Para Périco e Alves (2016) a produção e agroindustrialização desses produtos contribuem para a segurança alimentar das famílias, assim como promove a geração de renda. No Brasil, a Lei N° 11.326/2006 que apresenta diretrizes para a política nacional da agricultura familiar, e define esta como uma prática que utiliza de mão de obra familiar para a geração de renda. (BRASIL, 2006). Para Santos e Cândido (2014, apud OLIVEIRA, 2007), a agricultura familiar é um agente na manutenção do agricultor no campo e contribui para a diminuição do êxodo rural, devido a sua dinâmica e flexibilidade na diversificação das culturas rurais. Santos e Cândido (2014, p. 51) afirmam também que a agricultura familiar “[...] é uma forma social de produção capaz de se desenvolver no interior das mais diferentes formações econômico-sociais”.

A agricultura familiar pode valer-se dos circuitos curtos de comercialização para escoar sua produção. Para Darolt (2012) os Circuitos Curtos (CCs) são uma maneira de distribuição de mercadorias com até um atravessador, aproximando o produtor do consumidor, fortalecendo os laços de confiança e dinamizando a economia local. A comercialização via CCs pode ser realizada de duas maneiras: através da venda direta (contato direto com o consumidor final) e indireta (com até um intermediário).

A pesquisa tem por objetivo mostrar novas formas de interação entre o rural e o urbano via CCs em feiras livres no litoral do Paraná. Para tal, procedeu-se uma revisão bibliográfica para conceituar CCs e suas modalidades. Na sequência, foram aplicados questionários semiestruturados junto aos feirantes em duas feiras livres no litoral do Paraná, a Matinfeira no município de Matinhos e Catedral, em Paranaguá.

Metodologia:

A pesquisa é um estudo de caso que segundo Yin (2005 apud Gil, 2008), é uma pesquisa que atua de maneira empírica dentro do contexto da realidade, no caso as feiras livres de Matinhos e Paranaguá, com intuito de verificar a interação entre feirantes e consumidores. Para atingir os objetivos, primeiro realizou-se pesquisa bibliográfica sobre os circuitos curtos de comercialização e suas modalidades.

Para a realização da pesquisa de campo utilizou-se a observação simples, que segundo Cervo (2007), ocorre quando o pesquisador não se envolve com objeto da observação, ele apenas observa o que é foco do estudo. Neste sentido, foram realizadas duas visitas na feira livre Matinfeira (Matinhos) e uma na feira Catedral (Paranaguá), com observações e anotações em caderno de campo. Na sequência, utilizou-se a técnica de entrevistas com o uso de questionários semiestruturados que, segundo Gil (2008), é uma técnica de investigação constituída por uma série de questões que são submetidas aos indivíduos, com o intuito de obter informações sobre algo determinado.

Foram entrevistados quatro agricultores/feirantes na Matinfeira (66,7% dos agricultores) e nove na

Catedral (32% dos agricultores). As perguntas do questionário versavam sobre o perfil do feirante, o modo de produção, a percepção dele sobre o seu contato com o consumidor e a visão dos feirantes sobre a feira. A entrevista contribuiu para a obtenção de informações diversificadas e verídicas a respeito da realidade dos feirantes. O trabalho de campo proporcionou contato direto entre pesquisador e pesquisado, o que permitiu capturar informações além das requisitadas no questionário.

Resultados e Discussão:

Os CCs são uma maneira de se afastar da padronização dos bens, inerentes ao sistema agroindustrial contemporâneo, que orienta o modo de consumo contemporâneo. Como um modelo de troca, circulação e distribuição de mercadoria com até um intermediário, tais circuitos têm o objetivo de fomentar o desenvolvimento local e aproximar produtores e consumidores, fortalecendo assim uma relação de confiança mútua (FRANÇO, 2000 apud Rambo e von Denz, 2015).

Para Darolt (2012), além do estreitamento das relações produtor e consumidor, Os CCs possibilitam acesso a um produto com preço justo e qualidade. Desse modo, nessa modalidade de comercialização não se considera somente a distância, “mas também os parâmetros organizativos (produtores e consumidores), fatores culturais transmitidos pela confiança, pela valorização do mercado local e pelo produto agroecológico” (DAROLT et al. 2016, p.6). Como forma de distribuição da mercadoria existem dois canais de comercialização utilizados pelos CCs, venda direta (entregas de mercadoria para o consumidor diretamente pelo produtor) e a venda indireta (com apenas um intermediário, entre o produtor e o consumidor).

Para Model e Denardin (2014), às feiras livres, uma modalidade de CCs, apresentam aspectos singulares, que não existem em outras maneiras de comércio, como solidariedade, afetividade, troca de saberes e confiança mútua entre os atores envolvidos. Elas vão muito além de um espaço de comercialização, tornam-se um lugar de encontros, conversas e distrações.

A Matifeira, feira livre do município de Matinhos, surgiu no ano de 2006 e está localizada no centro de Matinhos, ocorre toda quarta-feira, das 07h às 12h e possui atualmente seis feirantes. Já a feira da Catedral se localiza na Rua José Gomes, no centro de Paranaguá e é realizada cerca de 30 anos, todos os sábados das 07hr às 12hr, possui 25 barracas dispostas em duas fileiras paralelas. Ambas as feiras comercializam produtos como frutas, verduras, legumes, pães, leite e derivados, comidas prontas, sucos naturais, farinha de mandioca, conservas, temperos, mudas de plantas, frango caipira congelado e ovos.

Todos os feirantes classificam-se como agricultores familiares e o manejo de suas produções varia do convencional, hidropônico, orgânico ao agroflorestal; relatam também que grande parte dos produtos comercializados são de produção própria ou de vizinhos. Alguns feirantes buscam produtos da Central de Abastecimento (CEASA), pois devido a questões climáticas não produzem alguns alimentos durante todo ano e acreditam que a variedade de produtos atrai mais clientes. Dentre os entrevistados, três deles participam de ambas as feiras estudadas. No que diz respeito à participação dos feirantes em outras modalidades de CCs, participam de projeto governamental como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e apenas um realiza trocas de seus alimentos por outros produtos de interesse com vizinhos na colônia, e comercializa cestas de produtos a cada 15 dias.

Quanto ao relacionamento com os clientes, os feirantes mencionam aspectos positivos como trocas de conhecimento e informações sobre como e onde são produzidos os alimentos ali vendidos, construção de laços de amizade, bem como o reconhecimento de seu trabalho como agricultor e feirante. Em relação aos aspectos negativos desta relação, apenas um feirante relatou a desvalorização de alguns clientes pelos produtos orgânicos, no entanto reforçou que essa desvalorização ocorre principalmente devido à falta de conhecimento de alguns consumidores.

Foi constatada a existência de divergências e conflitos nas feiras. No caso Matifeira as divergências são referentes a sua localização, alguns feirantes estão satisfeitos com a atual, próximo ao mercado do peixe, já outros acreditam que a praça central da cidade seria melhor, pois atingiria um público maior. Na feira Catedral, as divergências se dão em torno da prática de comercialização de produtos provenientes da CEASA, para alguns feirantes isso desvaloriza o trabalho do agricultor familiar e interfere na qualidade dos produtos vendidos, uma vez que não se conhece o modo como os alimentos foram produzidos nem de que região eles procedem.

Conclusões:

A Matifeira e Catedral são consideradas feiras mistas por comercializarem produtos convencionais, hidropônicos, orgânicos e agroflorestais. Cada uma delas têm suas peculiaridades e problemáticas. A feira da Catedral possui concorrência entre os feirantes, diferente da Matifeira, isso acontece devido ao maior número de barracas, assim os consumidores da Catedral têm um poder de barganha maior, pois podem encontrar os mesmos produtos em diversas barracas.

As feiras estudadas se enquadram como CCs de comercialização, pois se caracterizam pela maior aproximação entre produtores e consumidores, resultando por consequência em alguns benefícios para o meio ambiente como menor emissão de poluentes pelo transporte, devido ao encurtamento da cadeia, além de utilizar menos insumos agrícolas como os agrotóxicos, pois os agricultores também são consumidores dos alimentos produzidos.

Ambas são bem organizadas, graças a comunicação constante entre os feirantes para estabelecer questões sobre o cotidiano e melhorias da feira, apesar de não haver nenhum tipo de associação formal entre os mesmos. As feiras possuem um ambiente dinâmico e acolhedor, em que os feirantes são receptivos e atentos

com seus clientes e buscam atender as necessidades dos mesmos sempre que possível, bem como aceitam realizar mudanças ou melhorias na produção e oferta de novos produtos/alimentos. As duas feiras são importantes para manter viva a cultura do litoral paranaense, pois produtos comercializados ali fazem parte da história e cultura caiçara, além de estimular a economia local, dar ao agricultor familiar autonomia para comercializar seus produtos e estímulo a perpetuar essa cultura.

Referências bibliográficas

- ANDRIGUETTO FILHO, J. M.; MARCHIORO, N. P. X. **Diagnóstico e problemática para a pesquisa**. In: RAYNAUT, C. et al. (Eds.). Desenvolvimento e Meio ambiente - em busca da interdisciplinaridade. Curitiba: Ed. UFPR, 2002. cap. 2, p. 159-194.
- BRASIL. **Constituição** (2006). Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece As Diretrizes Para A Formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Brasília, DF, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11326.htm>. Acesso em: 01 fev. 2018.
- PÉRICO, Bruna Carla; ALVES, Fernando dos Santos. **Farinheiras na Litoral do Paraná: ações de pesquisa-ação para identificar e implementar estratégias de comercialização e organização de agricultores familiares**. 2016. Disponível em: <<http://egepe.org.br/anais/arquivos/edicaoatual/Artigo268.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2018.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. 162 p.
- DAROLT, M. R. **Conexão Ecológica: novas relações entre agricultores e consumidores**. 1. ed. Londrina: IAPAR, 2012.
- DAROLT, M. R.; LAMINE, C.; BRANDENBURG, A.; FAGGION ALENCAR, M.; SANTIAGO ABREU, L. **Redes Alimentares Alternativas e Novas Relações Produção Consumo na França e no Brasil** Ambiente & Sociedade, vol. XIX, núm. 2, abril-junio, 2016, pp. 1-22 Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade Campinas, Brasil Circuitos longos e curtos.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. - São Paulo: Atlas, 2008.
- GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p.57-63, mar. 1995. Disponível em: <bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/download/38183/36927>.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=411820>>. Acesso em: 20 maio 2017.
- MODEL, Patricia Aparecida; DENARDIN, Valdir Frigo. **Agricultura Familiar e a Formação de Circuitos Curtos de Comercialização Através das Feiras Livres: O Caso da Matifeira - PR**. 2014. Disponível em: <<http://www.engema.org.br/XVIENGEMA/456.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2016.
- RAMBO, Anelise Graciele; VON DENZ, Eduardo. **Circuitos Curtos de Comercialização Fomentando Novos Usos do Território: Considerações Sobre PNAE e as Feiras Livres**. 2015. Universidade de Santa Catarina. Disponível em: <<http://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidr/article/viewFile/13333/2499>>. Acesso em: 20 ago. 2016.
- SANTOS, Jaqueline Guimarães; CÂNDIDO, Gesinaldo Ataíde. Sustentabilidade e Participação social Cooperativa de Agricultores Familiares no Agreste da Paraíba. **Revista Metropolitana de Sustentabilidade**, São Paulo, v. 4, n. 2, p.47-63, maio 2014.